

UM OLHAR DECOLONIAL PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL EM PERSPECTIVA INCLUSIVA

Rosimar Serena Siqueira Esquinsani
Universidade de Passo Fundo
rosimaresquinsani@upf.br

Viviane Fátima Lima do Prado
Universidade de Passo Fundo
70050@upf.br

Salatiel da Rocha Gomes
Universidade Federal do Amazonas
salatielrocha@yahoo.com.br

Introdução

A educação especial em perspectiva inclusiva (BRASIL, 2008) é apresentada, no texto em tela, a partir de uma leitura teórica que possa emprestar outras lentes para a discussão do tema. Na busca dessas outras lentes, indica-se a perspectiva decolonial, como proposta de um olhar mais empático e local.

Para sociedades ‘colonizadas’, pensar de uma forma decolonial é, em si, um ato de resistência e libertação, uma vez que: “como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração [...] de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor [...]” (FREIRE, 2016, p. 43). Assim, o texto parte da premissa de que estudar temas contemporâneos sob as lentes do decolonialismo assume um propósito epistêmico e político, respaldado por uma moldura histórica e contextual.

Operacionalmente, o texto foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica, considerando autores decoloniais e comentadores do movimento, pautada por uma metodologia dialética, adotando o procedimento analítico-reconstrutivo.

Por fim, indica-se que o propósito do texto é rizomático, no momento em que intenta ‘plantar’ perspectivas, ideias, pontos de vista críticos, que possam problematizar a forma como temos pensado e acionado politicamente a educação especial em perspectiva inclusiva.

Resultados e Discussões

O decolonialismo pode ser entendido como um movimento teórico e político que permite “a exteriorização do colonialismo/colonialidade não os desfazendo ou revertendo-os num pós-colonialismo, mas sim superando-os” (SILVEIRA; NASCIMENTO; ZALEMBESSA, 2021, p. 3), de maneira crítica e construtiva.

Em relação ao conceito de ‘decolonialismo’, é cogente assentar o mesmo como um movimento contrário, ou de contestação crítica ao processo de colonização, sendo que a colonialidade foi um conceito “introduzido pelo sociólogo peruano Anibal Quijano, no final dos anos 1980 e no início dos anos 1990” (MIGNOLO, 2017, p 02), compreendendo que “la colonialidad es uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial de poder capitalista” (QUIJANO, 2007, p. 93)

Na revisão bibliográfica desenvolvida, alguns dos autores aprofundam o debate a partir de três dimensões da colonialidade: 1) a colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) e suas derivações; 2) a colonialidade do saber (LANDER, 2005) e, 3) a colonialidade do ser (MALDONADO-TORRES, 2008; 2022). De forma sucinta, as três dimensões implicariam em “[...] saber (sujeito, objeto e método); ser (tempo, espaço e subjetividade); poder (estrutura, cultura e sujeito)” (MALDONADO-TORRES, 2022, 49).

A primeira dimensão, ou a colonialidade do poder, é a mais ampla, da qual também derivam as demais. A expressão colonialidade do poder...

designa um processo fundamental de estruturação do sistema-mundo moderno/colonial, que articula os lugares periféricos da divisão internacional do trabalho com a hierarquia étnico-racial global e com a inscrição de migrantes do Terceiro Mundo na hierarquia étnico-racial das cidades metropolitanas globais. (GROSFOGUEL, 2008, p. 126).

Em razão da primeira dimensão, é possível questionar alguns aspectos acerca da educação especial, particularmente quando e quanto da agenda de discussão no campo da educação guarda de lugar para o debate local acerca da educação especial e inclusiva, ou mesmo se tal debate dispõe de um lugar de ênfase, ou de um lugar menor, um espaço subalterno.

Ou seja, o ‘lugar de agenda’ do tema, ou o espaço dedicado ao assunto, não é aleatório, mas contextual, e depende diretamente do quanto ele será útil ao contexto colonial. Logo, tratar o tema pela ótica do decolonialismo significa apoiar um movimento disruptivo, que coloque a educação especial e inclusiva como um tema socialmente relevante e circunstanciado, e não apenas a reprodução do que é feito em outros espaços.

Já a colonialidade do saber tem relação direta com os conceitos, premissas e pressupostos teóricos que serão considerados válidos para discursos e práticas, também

em razão da Educação Especial. Assim, a utilização predominante de autores clássicos europeus, para explicar a experiência brasileira de educação especial enquanto modalidade de ensino, assim como a utilização, para defender a pauta, de argumentos repetidos em autores universais, mas que não discutem o tema, indica a predominância de um modelo colonial para explicar a educação especial e inclusiva.

No que concerne a dimensão colonialidade do saber, é possível questionar de forma veemente a utilização predominante de autores europeus para argumentações em torno da educação especial e inclusiva, na esteira da lógica de que...

Como é possível que o cânone do pensamento em todas as disciplinas das ciências sociais e humanidades nas universidades ocidentalizadas se baseie no conhecimento produzido por uns poucos homens de cinco países (França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Itália)? Como é que no século XXI, com tanta diversidade epistêmica existente no mundo, estejamos ancorados em estruturas epistêmicas tão provincianas camufladas de universais? (GROSGUÉL, 2016, p. 27)

Por fim, a dimensão da colonialidade do ser, indica a valorização de determinadas formas de existência em detrimento da legitimidade e reconhecimento, de outras formas. Maldonado-Torres informa que “el surgimiento del concepto ‘colonialidad del ser’ responde, pues, a la necesidad de aclarar la pregunta sobre los efectos de la colonialidad en la experiencia vivida, y no sólo en la mente de sujetos subalternos” (2007, p. 130). Assim, são encontrados argumentos para a problematização de questões que envolvem identidade e existência ou a experiência vívida em busca da identidade, aplastada episodicamente por uma retórica errática de que a educação especial e inclusiva obstaculizaria o direito à educação dos alunos típicos.

Problematizar posicionamentos em torno da educação especial e inclusiva é um ato de contraposição a colonialidade do ser, um ato de “desobediência epistêmica” (MIGNOLO, 2008), onde são consideradas outras possibilidades e formas de ser/estar/permanecer na escola.

Conclusão:

A lógica decolonial é uma considerável possibilidade para estudos sobre educação especial e inclusiva, tomados como opção de leitura em face do contingente considerável de textos e estudos nutridos por autores reprisados, especialmente de matriz europeia,

evidenciando a preferência por autores clássicos – e, supostamente, academicamente inquestionáveis – como uma espécie de legitimação da temática.

Assim, como afirma Quijano (2005, p. 139), [...] “é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos”.

De tal modo, examinar a educação especial e inclusiva com lentes decoloniais significa colaborar na construção de um discurso validado desde a experiência local, com alternativas próprias e contemporâneas, que problematizem as percepções dos sujeitos vívidos, partícipes do contexto sobre o qual se debruçam as análises. As leituras decoloniais auxiliariam, portanto, na tecitura de outras percepções sobre a educação especial e inclusiva.

Referências

BRASIL Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, DF, jan. 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GROSGUÉL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, p. 115-147, 2008.

GROSGUÉL, R. A Estrutura do Conhecimento nas Universidades Ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016

LANDER, Edgardo. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. pp. 21-33

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (orgs.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre a colonialidade do ser: contribuições para o desenvolvimento de um conceito. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF. no 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 32 n° 94 junho/2017: e329402

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. pp.117-142.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Org.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 93-126. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/147.pdf> >.

SILVEIRA, Jucimeri I.; NASCIMENTO, Sergio L.; ZALEMBESSA, Simões. Colonialidade e decolonialidade na crítica ao racismo e às violações: para refletir sobre os desafios da educação em direitos humanos. Educar em Revista, Curitiba, v. 37, e71306, 2021.